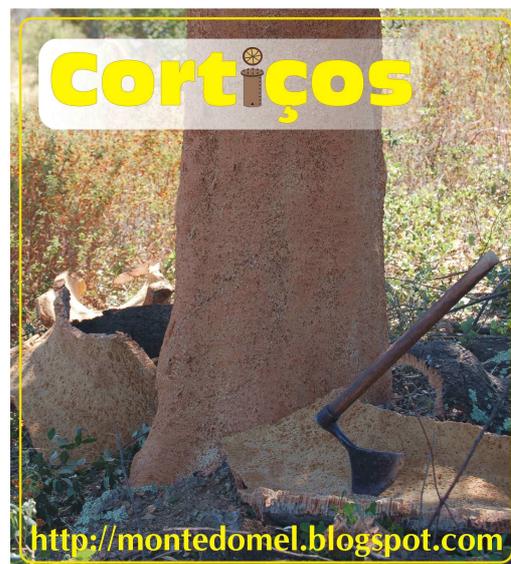


Cortiços... de Cortiça

Joaquim Pífano (Aderavis)

Cada vez mais as “colmeias malditas”, já não há cartilha apícola que não lhe atribua defeitos, problemas só resolvidos pelas caixas de madeira. A saber:

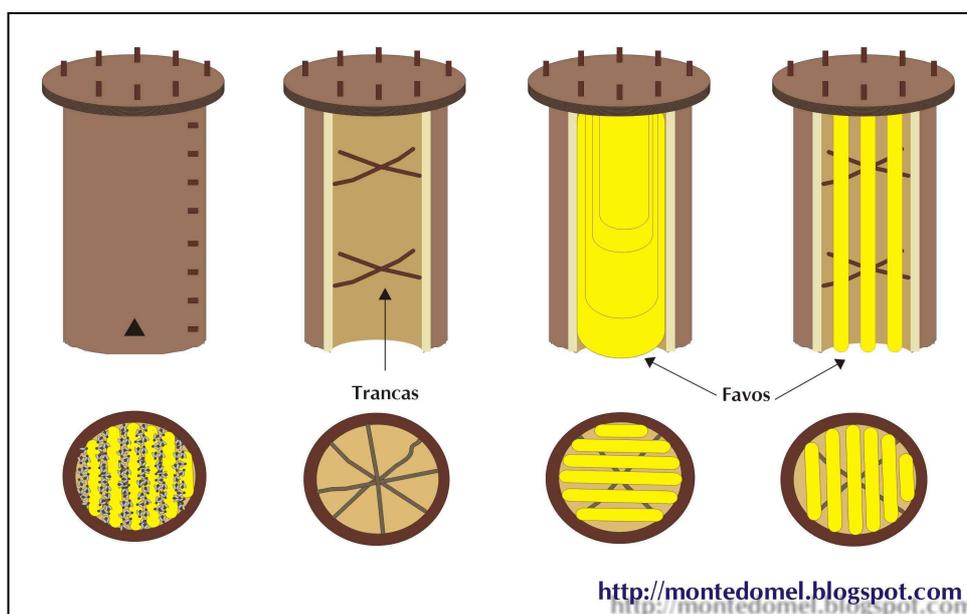
- Pouco produtivos pela falta de espaço, os melhores com 10% da produção das colmeias móveis.
- De difícil controlo sanitário, pela dificuldade/impossibilidade de acesso ao interior.
- Impossibilidade de encontrar/manipular a rainha, pelas razões do ponto anterior.
- Medicamentos aplicados na própria câmara (única) de produção.
- Transumância impossível ou muito difícil.
- E outros que não me ocorrem...



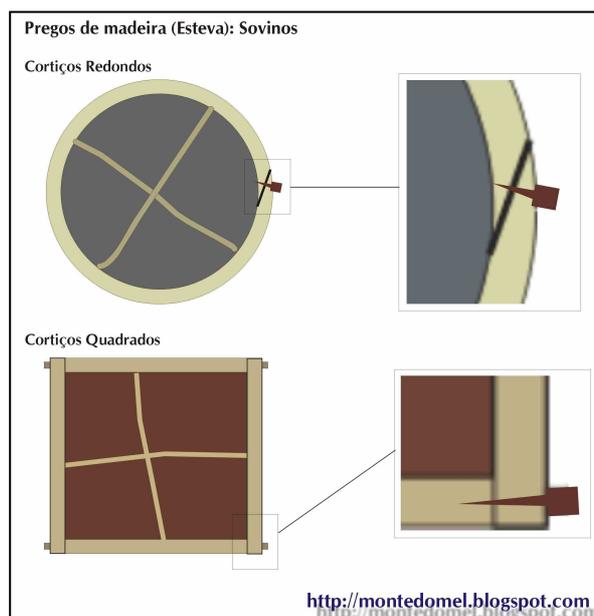
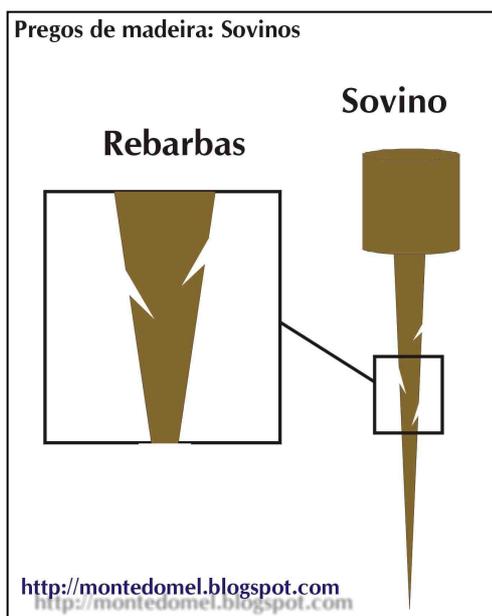
Restam-lhes os argumentos estéticos, talvez até a leveza e os baixos custos, que permitem uma fácil aquisição e a possibilidade de os disseminarem pelo mato para a captura de enxames. “*Se os roubarem a perda é pequena*”, dizem os apicultores. Não foi a primeira batalha perdida pela cortiça, nem será decerto a última, o orgulho da terra Transtagana, que antes animava a economia nacional com exportações record. Hoje não passa de uma casca rija e enrugada, igual á pele dos “*tiradores*” que ainda restam.

Eram precisamente esses tiradores, de machada em punho, que separavam os melhores “*caneiros*” e os apartavam da restante cortiça, não fosse o “*rachador*” fazê-la em “*pranchas*”. Se não eram “*abelheiros*” a encomenda era-lhes feita por outros com esse vício.

Quando a cortiça era boa, “*amadia*”, densa, um cilindro quase perfeito, originava os melhores e mais cobiçados cortiços, de forma obviamente cilíndrica. Eram os mais comuns:



Os bordos eram “*aparelhados*” em bisel, de modo que os “*sovinos*” de pau de Esteva os pudessem pregar e unir sem lhe tirar a forma.



No interior, a um terço e dois terços da altura eram colocadas as chamadas “*trancas*”, grupos de duas varas de Esteva em forma de cruz, cujo objectivo era dar maior firmeza aos favos que nelas se apoiavam.

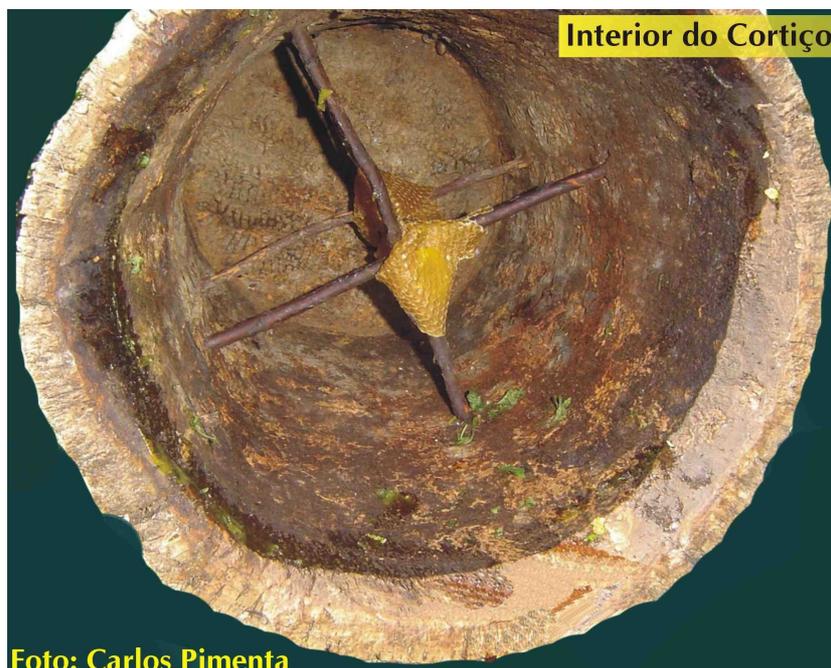
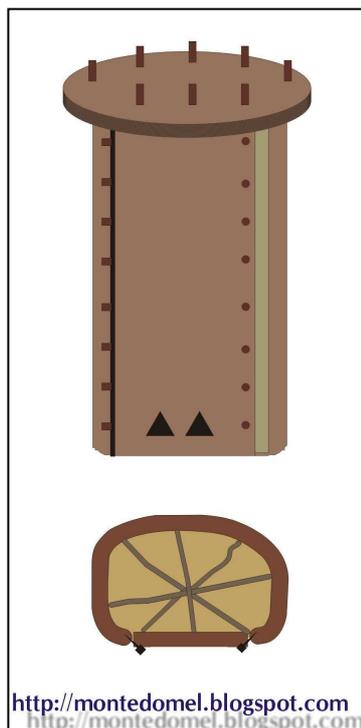
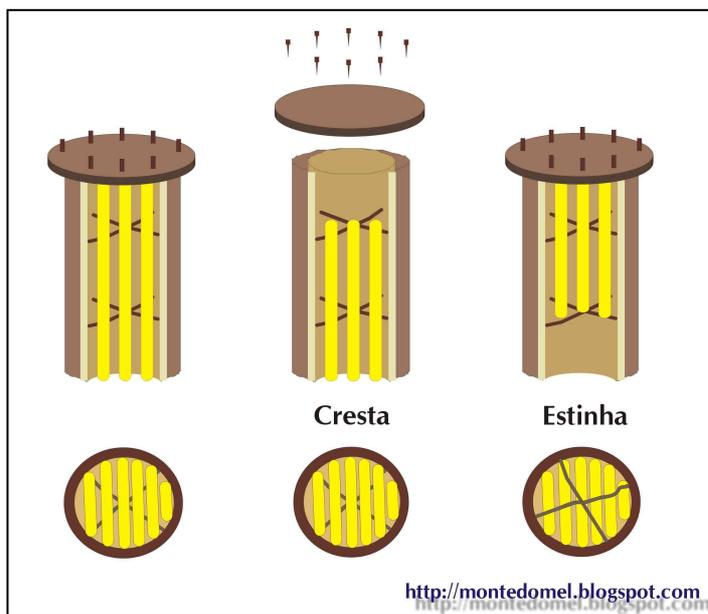
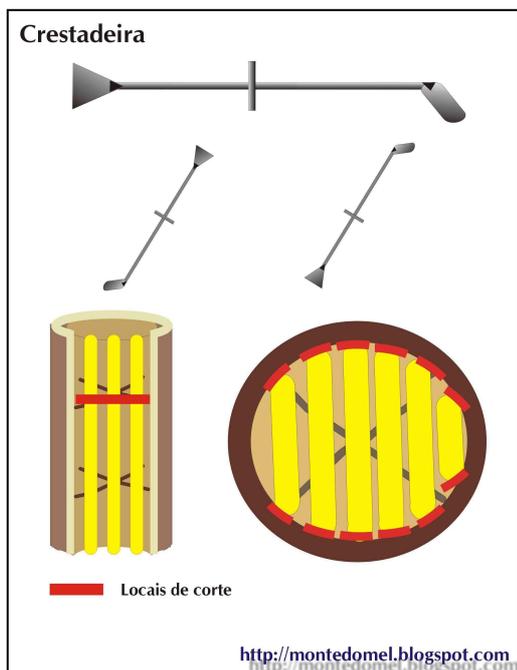


Foto: Carlos Pimenta

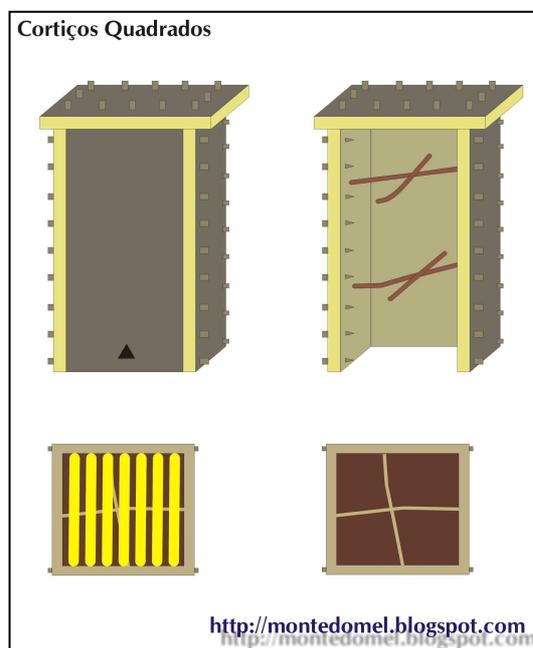
As mesmas trancas ainda delimitavam áreas com funções diferentes no interior do cortiço, nomeadamente onde o apicultor operava diversas tarefas:

- “*Estinha*” - No fim do Inverno, era o acto de cortar a parte de baixo dos favos, próxima do chão. Servia para retirar as ceras velhas, negras e com bolor, para as abelhas reporem ceras novas. Estas eram cortadas até à altura das trancas de baixo, outras vezes nem tanto.
- “*Cresta*”- O retirar dos favos com mel, “*no quarto minguante de Agosto, quando não havia criação*”. Primeiro arrancavam os sovinos do tampo, para o poderem remover, depois, com a ajuda da “*crestadeira*”, utensílio metálico que lembra uma gadanha, “ceifavam” os favos carregados de mel até às trancas de cima.

A crestadeira tem duas extremidades, uma em forma de espátula com que separam os favos da cortiça, e outra que lembra uma gadanha com que seccionam os favos junto às trancas.

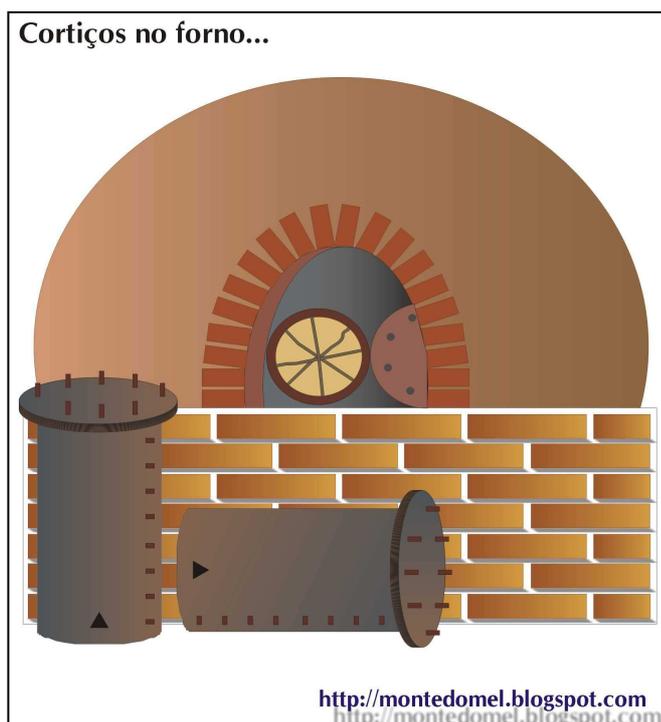


A forma dos cortiços também dependia muito da região e das tradições, outras vezes era a qualidade e a disponibilidade de cortiça. Quando não se “apanhavam” caneiros redondos, cilíndricos, faziam-se cortiços de formas mais caprichosas. Meia cana pregada a uma prancha mais recta, que normalmente fazia de parede frontal, resolviam o problema e albergavam o enxame. Não são raros os que apresentam esta forma:



Menos comuns, mas igualmente belos, são os de secção quadrada ou rectangular. “Têm mais mão de obra”, são necessários mais pregos de Esteva, mas o resultado é funcional e muito estético. E as abelhas não se queixam da geometria rectilínea...

Outras habilidades que se faziam com os cortiços...



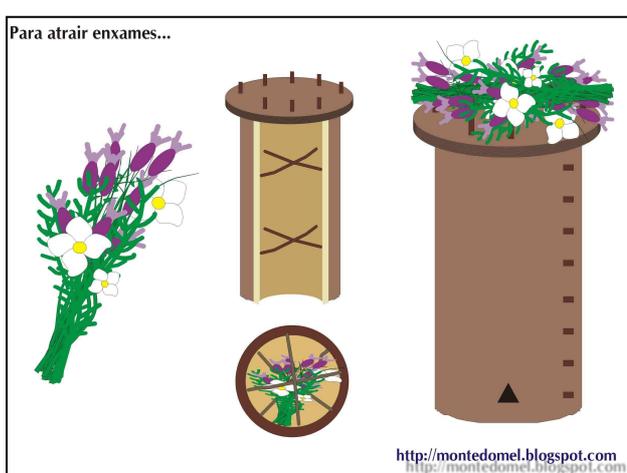
Sempre ouvi dizer aos mais velhos que o método mais eficaz para combater a “tinha” era o de colocar os cortiços no forno, após a “cozedura do pão”.

A “tinha” ou traça era o pesadelo dos antigos abelheiros, ainda nem se sonhava com a Varroa, como se tal ácaro colorisse os sonhos a alguém, e já aquelas larvas destruíam imensas colónias. Sempre que “*morria um cortiço*” retiravam-se os favos velhos, cuja cera era “*apurada*” para vender aos “*carpinteiros de obra fina*”.

Para desinfetar as colmeias colocavam-nas dentro do forno, quando as temperaturas ainda letais para a traça e outras moléstias, eram mais baixas, o que só se conseguia momentos depois de retirar o pão.

Depois de desinfetados, os cortiços estavam outra vez prontos para albergarem abelhas. Para as capturarem, aromatizavam-nos esfregando plantas aromáticas no interior, como o Rosmaninho, a Esteva e o Alecrim, ou outras, consoante a região do país.

Após a “esfrega”, que também higienizava, deixavam-lhe o bouquet de flores e aromas no interior para acentuar a função. Só as retiravam quando colocavam o cortiço no “*tal sítio*” especial, onde os enxames “*nunca falham*”, pudera, a “*canada*” das abelhas passava justamente por ali...



O sítio especial compunha-se quase sempre de um rochedo enfeitado de vegetação, mato fechado, que podia esconder o cortiço dos amigos do alheio, sendo no entanto fácil de detectar pelo olfacto apurado das abelhas.



Nesta fase o ramo de flores, facto curioso, era deslocado do interior para cima do tampo, onde se mantinha graças a uma pedra estrategicamente colocada e que evitava que o vento as levasse. Ainda hoje não percebi, nem procurei saber, se tal hábito visa manter o aroma activo ou camuflar ainda mais a colmeia, se calhar... ambos. Mas trata-se de um quadro muito comum.

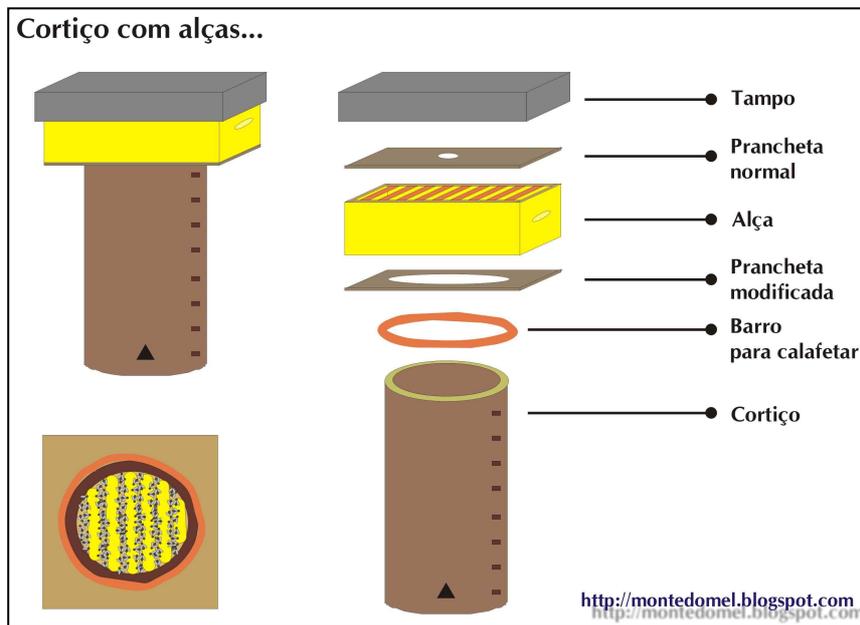
Nem sempre a “montanha ia a maomé”, muitas eram as vezes que tinha de ser o cortiço a “ir às abelhas”. Bastava para isso que o enxame pousasse num ramo alto e de difícil acesso, o que nunca desmotivava os abelheiros.

Uma corda lançada sobre o ramo içava o cortiço até perto das abelhas. Uma escada de madeira, que costumava fazer parte da “móvel” do apiário e uma ponta de coragem, levavam o apicultor aos píncaros, onde um toque certo derrubava o enxame para dentro do cortiço. Paciente, o ajuda descia o conjunto, agora mais pesado. Colocava-o na posição correcta e aí ficava até ao Inverno, quando as ceras ficavam “rijas” e lhe permitiam o transporte para local definitivo.



Haviam também os criativos de vanguarda, ou talvez... vanguardistas saudosos!?! que aliavam estas relíquias da apicultura às modernas alças para maiores produções.

O resultado final desafiava a gravidade e a lógica, mas mercê de vários artifícios conseguiam equilibrar uma e até mais alças sobre o cortiço.



Muitas eram as perícias e habilidades que se faziam com tais colmeias de quadros fixos.

Com o passar dos anos, as fracturas, os buracos da traça ou os incêndios traçavam-lhes o destino, ainda assim honrado pela “morte em combate”. Pior era quando acabavam como ninhos num pombal ou cortados ao meio e “de cabeça para baixo”, albergando um florido vaso, onde antes labutavam miríades desses insectos que nos adoçam a vida.

